

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS

ESTADO DE S. PAULO — BRASIL

PRÓPRIEDADE E REDACÇÃO DO CORPO DOCENTE

ANNO I

S. CARLOS, 11 DE JUNHO DE 1917

NUM. 2



SUMMARIO



- I—Evolução e Pedagogia João de Toledo
- II—Historia da Pedagogia Carlos da Silveira
- III—Pela Patria. . . . Ezequiel M. Leme
- IV—A Geometria (Os factores da Geometria) . . . F. Penteado
- VI—Discurso. . . . Mario Natividade
- VII—Methodo didactico. A. Proença
- VIII—Rusticidade . . . Waldomiro Caleiro
- IX—Escola Normal (Apontamentos)

que não invejam, os que não infamam, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emmudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas esforçam-se, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração e o enthusiasmo».

Concentremos, neste momento, o nosso espirito, volvamol-o para a Patria querida e formemos, com ardor, com fé, o proposito de consagrar-lhe a nossa actividade, visando mantel-a «forte e livre, pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os extranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz.»

Exequiel de Moraes Leme
Lente da 9.^a cadeira

A Geometria

Os factores da Geometria

As noções geometricas, segundo a opinião de muitos philosophos e geometras, resultam do trabalho que, sobre uma materia experimental exercem a experiencia e a abstracção. Ha nas figuras, dizem elles, elementos, cuja origem só poderia ser conhecida na experiencia, taes como o continuo, o limite e a prova desse continuo, a ex-

terioridades, da figura em relação ao pensamento, a exterioridade das diversas partes da figura em relação umas ásoutras, etc. A separação destas propriedades é confiada ao trabalho intellectual.

Mas, se a abstracção isola as qualidades que a experiencia mostra reunidas em mesmo objecto, é certo tambem que ella não tem o poder de modificall-as. No emtanto, os corpos naturaes não correspondem pela forma ás imagens puras e inflexiveis da geometria, que utiliza modelos ideaes que vão corrigir os modelos imperfeitos da natureza.

Se assim é, é bem de ver-se a antecedencia de typos ideaes creados por essa geometria natural que o Supremo Architecto concede ao homem, sua imagem, ao homem intelligente.

Apresenta Stuart Mill uma modificação que, á primeira vista, se reveste de uma certa importancia, a generalisação. O logico inglez, ao declarar que «nós pensamos sempre nos objectos, taes como os vemos, com todas as propriedades que lhes são inherentes, mas por uma conveniencia scientifica, despojadas de todas, menos das que são necessarias ás nossas pesquisas», acrescenta que «as definições geometricas devem ser consideradas como as nossas primeiras e mais evidentes generalisações relativas ás linhas e a todas as figuras, taes como existem».

Semelhante theoria, que tem sido criticada convenientemente, não deixa de peccar pela sua base; pois, se a geometria toma para objecto formas puras e rigidas, a generalisação dos dados experimentaes não pode explicar a perfeição dessas formas, e se, ao emvez, repousa sobre as formas dos

objectos naturaes, a generalisação é inutil, visto que o conteúdo de uma idéa, desprendida em modificação, pela abstracção, não varia quando passa de singular a geral.

Entretanto, Stuart Mill reconhece que «o caracter de necessidade nas verdades mathematicas, e a certeza particular que se lhes attribue, não passam de uma illusão, que só pôde ser mantida, suppondo que estas verdades se referem a objectos e a propriedades de objectos imaginarios; que, para tirarmos destes principios hypotheticos asserções applicaveis á realidade, fingimos que as noções geometricas correspondem ás cousas, se bem que a correspondencia não seja rigorosa».

Nestas condições, haveria uma sciencia das formas puras e uma applicação desta sciencia á realidade sensivel. Mas esta substituirão das formas puras e rigidas pelas formas incorrectas e variaveis, que a abstracção e a generalisação reunidas não podem explicar, é signal evidente da intervenção creadora do espirito na origem da geometria.

Não podemos crer que a experiencia e suas auxiliares tenham sido sufficientes para transformar a agrimensura na sciencia da extensão.

Outros são os factores da geometria que, segundo Hobbes «est scientia qua ex aliqua vel aliquibus mensuratis, per ratiacinationem determinamus alias non mensuratas.»

O espaço indefinivel, homogeneo, capaz de receber todas as determinações, eis a materia da geometria. Mas, para que a geometria exista, é mister que haja intervenção de um principio activo, capaz de talhar um numero indefinido de figuras na tela immensa

e infinita. Esta causa activa é o espirito.

Ha, pois, o concurso especial de dois factores importantes: o espaço indefinido e a actividade espiritual. E' o que os antigos geometras já haviam comprehendido, quando, entre elles, dizia Euclides: — Eu posso tirar uma linha recta de um ponto qualquer para outro ponto qualquer; posso prolongar indefinidamente uma recta segundo uma direcção qualquer; posso descrever, com um raio arbitrario, uma circumferencia tendo para centro um ponto qualquer. Elle pedia apenas o espaço indefinido, que acolhesse as suas determinações, e poderia assim crear a geometria.

Resta saber de que maneira o espirito age sobre o espaço, de que maneira o principio activo determina a materia passiva. Representamos o espaço com um solido estendido até o infinito e, de outro lado o espirito terá por função ligar segundo certas relações os elementos varios, isto é, impondo a unidade a uma multiplicidade dada. Esses elementos não são fructo da experiencia bruta; elles já passaram por uma elaboração preparatoria; não são representações puramente experimentaes, mas, idéas geraes e abstractas, cuja particularidade, impropria ao pensamento, foi eliminada por um trabalho preliminar. Concede-se facilmente de que maneira a passagem se estabelece entre o pensamento e as noções assim purificadas: as idéas geraes, distinctas umas das outras, são fornecidas successivamente ao espirito; o acto intellectual consiste em fazer, desta pluralidade, em apparencia incoherente, totalidades coordenadas; mas o espaço, bem que diverso e multiplo em potencia, é

uns e continuo, de sorte que não se poderia dizer que suas determinações são dadas ao pensamento como são dadas as idéas geraes no conhecimento experimental. E' o pensamento que estabelece a multiplicidade virtual do espaço e, para realisal-a, requer um intermediario -- o movimento.

Assim toda noção geometrica implica ao mesmo tempo as idéas de unidade, pluralidade e continuidade.

Toda figura é una, mas, composta de partes unidas entre si de maneira a formarem um todo continuo e indissolúvel. O movimento, por sua vez, implica as idéas de unidade, pluralidade e continuidade. E' claro que a idéa de movimento contem a de figura, diz Leibnitz.

A noção das grandezas continuas e a de movimento são tão intimamente ligadas, que é difficil a sua separação. Supponhamo-nos absolutamente immoveis em presença de um plano: apenas percebemos com nitidez o unico ponto, cuja imagem se forma no centro da mancha amarella de nossa retina; se, em rigor, uma tal percepção nos dá a impressão de extensão, é evidente que ella não nos fornece a representação de uma grandeza determinada; este ponto, visto em plena luz, é cercada de uma penumbra, cujo tom vaé decrescendo do centro para a periphéria, e esta degradação insensível dos raios luminosos não nos permite a percepção dos contornos nitidamente desenhados. Para que a representação seja distincta, é necessario levar cada elemento da superficie e de seu perimetro ao ponto mais distincto da visão, o que podemos fazer de duas maneiras: ou deslocando o plano, ou deslocando o organ visual; mas, tanto em um como em

outro caso, o movimento se torna necessario. A percepção da extensão supõe, pois, uma synthese successiva e continua de elementos juxtapostos.

Não ha duvida que, na genese das noções geometricas, o principio activo e fecundo seja o proprio espirito; mas d'ahi não se conclue que somente a acção de pensar seja sufficiente para gerar as noções mathematicas. Toda operação de arithmetica ou de algebra reduz-se, em ultima analyse, a uma addição de partes identicas. O espirito humano possui o poder de fazer variar indefinidamente as grandezas dadas que, por si mesmas não oppõem obstaculo algum ás operações; neste sentido o espirito é independente do espaço e da quantidade; entretanto este espaço e esta quantidade indeterminados são a materia, sem a qual a actividade mental seria infecunda. Basta que esta materia desapareça para que a menor operação geometrica ou arithmetica seja impossivel. A unidade de consciencia nos faz conceber a unidade numerica; mas se uma materia multipla não é dada ao pensamento, estaremos limitados a esta unidade isolada, incapaz de se multiplicar ou de se dividir por si mesma; jamais formariamos um numero simples. A idéa de pluralidade, quer a encontremos na consciencia de nossos poderes interiores, quer se revele na consciencia de nossos diversos estados psychologicos, não estaria patente se objectos diversos não sollicitassem estes poderes distinctos a sahirem de sua potencia; não teriamos a consciencia dos poderes interiores, se o pensamento não se applicasse sobre objectos distinctos. Reduzidos á possibilidade abstracta do pensamento,

isto é, á consciencia pura da unidade espiritual, não poderíamos pensar em pluralidade. Seja a noção de uma linha: ella encerra varias coisas extranhas ao puro facto de pensar; ha a exterioridade da linha em relação ao espirito e uma pluralidade de partes juxtapostas. cujo typo não será encontrado na unidade de nosso pensamento, supposto abstracto de toda pluralidade exterior. Tractando-se de numeros, podemos effectuar todas as operações da arithmetica, sem que sahiamos de nós mesmos, sob a condição de que uma pluralidade de estados successivos seja dada á consciencia; mas, uma noção geometrica, por muito elementar que seja, implica uma representacão objectiva. Suppondo dada á consciencia uma successão de estados interiores, poderíamos, em rigor, crear a arithmetica e a algebra, a sciencia da quantidade discreta, mas jamais gerariamos a sciencia da quantidade continua — a geometria. O espaço é indispensavel ao geometra.

A Geometria, desde que recebeu uma constituição philosophica, não se limita ás formas reveladas pela observação da natureza: ella considera todas as formas possiveis. Não se pode dar á geometria uma origem empirica, sob pena de se lhe restringir o dominio; é preciso que sejam creadas pelo espirito todas as determinações possiveis do espaço. Sabemos qual é a materia utilizada — o espaço homogeneo e indefinido, qual a causa activa — o espirito, e qual o intermediario — o movimento: estamos desta sorte aparelhados a assistir á genese das figuras. A Geometria das linhas é indispensavel á geometria das superficies e a geometria das superficies é necessaria á dos volumes. Eis

porque o espirito estabelece tres provincias distinctas no espaço.

E' a geometria que nos legaram os antigos; mas, por uma revolução profunda, o dominio da sciencia se alargou admiravelmente: a geometria das linhas, das superficies e dos solidos não é mais do que um fragmento da geometria universal, que não se limita apenas á consideração das tres dimensões de nossa extensão sensivel, mas raciocina sobre quatro, cinco e n dimensões; ao espaço se accrescenta o hyperespaço.

—
 NOTA — O trabalho apresentado neste numero da Revista, representa uma desprezenciosa e incompleta summula de idéas expendidas por auctores de renome.

—
Francisco L. de Oliveira Penteado
 Lente da 6.^a Cadeira

DISCURSO pronunciado na festa inaugural da Sociedade de Estudos e Conferencias, no dia 9 de setembro de 1916

Sr. Presidente, senhores consócios.

Exmas. Senhoras.

Meus Senhores.

Coube-me a mim, posto não coubesse em mim, o suggestivo mandato deste momento. Proferir a palavra inicial, traduzir em phrases o conjuncto de impressões que defluem deste acto inaugural, reclamára dotes especiaes de quem, antolhando se á assembléa impoamente, viesse occupar a sua attenção, hoje mais do que nunca reivindicavel para o objectivo fundamental desta sessão.

Não obstante, á cortezia fidalga dos que dirigem a instituição na-

Methodo didactico

Si considerarmos o methodo no sentido mais restricto da palavra—tratamento systematico de uma lição—a concepção unica digna desse nome que nos offerece a literatura pedagogica é o plano da escola herbartiana, conhecido pela denominação—*passos formaes do ensino* (die formalen Stufen des Unterrichts).

Originariamente havia Herbart suggerido quatro passos: *clareza, associação, systema e methodo*. O primeiro passo corresponde á phase em que o espirito adquire e assimila a noção individual; o segundo e o terceiro se destinam á formação do julgamento; o quarto é reservado para applicação do julgamento formado a novas situações.

E' evidente, porém, que o todo vago que constitue a experiencia concreta se compõe em parte de percepções e em parte de elementos de passadas experiencias. Reconhecendo isto, Ziller dividiu o primeiro passo em dois outros: *preparação*, reservado ao material velho, e *apresentação*, para o trabalho com o novo. O Dr. W. Rein juntou um sub-passo destinado a expôr o objecto da lição.

Presentemente é a seguinte a estrutura do methodo completo:

Sub-passo-declaração do objecto da lição. Tem por fim deixar o alumno com a attenção focalizada e em continua expectativa.

1º. *passo—preparação.* Predispõe o espirito para a prompta e effectiva assimilação do conhecimento novo. Este passo é analytico, porque nelle se trata de decom-

por o conteúdo mental para selecção de idéas.

2º. *passo—apresentação.* Destinado á apresentação e absorpção do novo conhecimento. E' um passo naturalmente de synthese.

3º. *passo—associação.* Destina-se a comparar e associar o material novo com o velho que com elle se relaciona.

4º. *passo—generalização* (compreendendo classificação). Aquisição realiza a formação do nocional ou conceito.

5º. *passo—applicação.* (methodo, segundo Herbart). Reservado para applicação do conceito ou noção geral aos casos particulares que se apresentarem. Este passo é de deducção.

Para que se faça o ensino de accordo com a concepção herbartiana é necessario dividir a materia toda em porções, cada uma das quaes constitua uma unidade, um methodo completo (Methodwhole), com um fim precisamente determinado. Este fim pode ser a formação de um conceito, o estabelecimento de uma lei ou de um principio, a formulação de uma regra ou, o que é mais commum no ensino primario, a aquisição e assimilação de noções individuaes.

Qualquer que seja o fim a attingir desde que se trate de obter identicos productos psicologicos o trabalho natural do espirito para aprender é sempre o mesmo, e é esta marcha natural do espirito que determina o methodo de ensino, porquanto «ensinar não é mais do que ajudar o alumno a aprender».

Ha mais de tres seculos já dizia Comenius:» O methodo natural para todas as sciencias, artes e linguas

é um só» e isto é verdade si aceitarmos a hypothese de que o espirito humano funciona segundo leis definidas.

Todos os nossos conhecimentos se reduzem a noções de duas especies: individuaes e geraes. As noções individuaes são productos da percepção externa ou da interna (innere Anschauung), e constituem o material á custa de que se vão formar as noções geraes.

Uma vez que as generalizações dependem das noções individuaes, a marcha do ensino naturalmente será:

- 1º.) Aquisição e assimilação de noções individuaes;
- 2º.) passagem das noções individuaes ás generalizações.

Do que fica exposto se conclue que o methodo completo é um todo com duas partes distinctas, correspondendo cada uma dessas partes a uma das phases do trabalho mental.

Sem querer discutir a opinião dos que combatem a generalidade do methodo, julgo necessarias algumas ligeiras considerações a respeito.

A primeira é que a lição deve ter por objecto a aquisição de um conhecimento *novo* para o alumno; a um trabalho destinado á formação de habito, á automatização de processos, julgo pouco acertado dar-se o nome de lição.

A segunda é que nem todas as definições, leis ou regras devem ser desenvolvidas inductivamente: muitas podem e devem ser dadas immediatamente, em forma condensada.

A terceira, mais importante, é esta: quer a lição tenha por objecto uma noção individual—um trecho de leitura, factos de historia ou de geographia, um phenomeno physico ou

um processo numerico; quer se trate de noções geraes—definição de circulo, de numero primo ou de animal vertebrado, regra para extrahir a raiz quadrada, leis da queda dos corpos ou, ainda, um principio de moral, total ou parcialmente o methodo pode ser applicado. Si tratar-se de noções individuaes, a lição estará completa ao terminar a primeira phase; si o objecto da lição for uma generalização, comprehenderá as duas phases do methodo.

Seja ou não geral em suas applicações, o plano herbartiano é um conjunto perfeito e racionalmente organizado. Em sua forma actual o methodo representa como um todo organico, cujas partes, perfeitamente articuladas, têm função propria a desempenhar.

Não será o methodo natural, mas representa o maior esforço para descobri-lo.

Assentada em fundamentos solidos, esta obra de Herbart, um seculo depois da publicação de sua *Pedagogia Geral* está de pé, com a mesma rigidez primitiva, sómente mais perfeita, graças aos trabalhos dos discipulos do grande mestre, dentre os quaes se destaca o Dr. W. Rein, illustre director do Seminario Pedagogico da Universidade de Iena.

O que ahi fica é apenas uma vista geral do assumpto.

Em trabalho proximo pretendo tratar desenvolvidamente de cada um dos passos formaes, sob o ponto de vista de sua applicação pratica.

Provavelmente alguém dirá o que disse Glayre a Pestalozzi: «Vous voulez mécaniser l'éducation».

E' possível.

A. PROENÇA.

Lente da 13ª. cadeira.

Rusticidade

O homem vive cercado de symbolos. A imaginação atira-o para todos os lados. O seu pensamento inquieto baloiça-se no ar, prezo á tocha de uma illusão. A vida verdadeira, a vida em si, essa as mais das vezes não é vivida. Deturpamos o sentimento, baralhamos as idéas, por querer ser aquillo que não somos, contrariando aquella especie de finalidade que todos trazemos para um dado escopo, que é a consecução de um benefício, proprio ou de outrem.

Tudo na vida está em sermos nós mesmos, francamente, claramente. Sejamõs simples e bons, essa é a primeira norma da vida. A simplicidade requer muitas virtudes; podemos dizer que ella em si concentra todas as demais. Ser simples é ser leal, é ser sincero, e quem é leal e sincero é bom, pois si o não è, muito pouco falta para sê-lo; um coração simples apprehende facilmente o que lhe falta para temperar a sua cordura. Muitos máus ha, porém. E por isso que os homens ainda são tão máus,—por simples cegueira d'alma, crede-o,—preciso é que os bons, ou os que tendem para o ser, se precave-nham mui cautelosamente contra uma certa bondade, que ahi ha, peor que todas as peiores maldades. Essa é a dos bons por fingimento. São simples, muito simples, mas na apparencia só. Dentro, um mundo trevõso lhes encobre tantas malicias e mazellas.. Olhae bem, pois; reparae. Do fructo que se vos

dá, não vos deixeis levar pelo bello da casca só, que, sabemos, e o thema é velho, muita coisa ha que pode ser ruim por dentro.

Da natureza tudo é simples; nada ha de complicado no mundo senão o coração dos homens. E a muita sciencia tambem traz complicação. Saber é bom, é util, mas crer é melhor. Si cresseis, verieis que o mundo vos haveria de parecer muito mais claro e nitido. A alma é a faculdade de crer.

Duas coisas ha, bem distinctas : alma e consciencia.

Consciencia é o repositorio do saber humano, é a base da moral. Tudo o que os homens fazem, de superior, as mais altas indagações das intelligencias,—a philosophia emfim,—tendem a augmentar esse acervo precioso: a consciencia.

Outro, porém, é o dominio da alma, que é o da crença, da fé.—Para comprehender esse, a intelligencia é pouca. A razão mais transcendente não vale o simples factõ de crer.

Vêde bem, pois, que é preciso educar o espirito, illustra-lo, desenvolver a intelligencia, comprehender a relação intima das coisas; analysar, concatenar, relacionar os phenomenos, quer os de ordem externa, quer os de ordem interna.

O coração, porém, não se illustra: illumina-se. Elle é o relicario das coisas eternas. Nelle arde um fogo sagrado que de tempos a tempos é preciso assoprar.

A alma não se explica Si ha uma sciencia para a moral, não a ha para esse anceio vago que se perde no infinito, o amor que une as gerações, uma vibração que nos aquece, iden-

tifica, irmana, na harmonia de todos os seres, levádo-nos, de seculo em seculo, ajoelhados e constrictos, a adorar um ente divino, uma força superior, a que nos subordinamos, pacifica, mansamente, como que aconchegando-nos a nós mesmos, reconhecendo, na humildade da crença, o unico refugio de calma e de bonança, em meio da tempestade dos desenganos e desarvoamentos da impiedade...

Uni-vos, pois, com simplicidade; abram-se os corações a essa grande luz.

Primeiro a vida ampla e larga da natureza, — reflexo do eterno, — depois a sciencia, o ensinamento dos livros.

Sejamos simples como a planta, verdadeiros como a arvore. Que as nossas acções, boas ou más, se vejam em plena luz, replendentes de sol, e que cada acto seja o producto de nós mesmos, embebidos da nossa natureza, influenciados pelo meio que nos é proprio, — aquelle que nos foi dado para nelle crescermos e progredirmos.

Que cada um seja da sua região e não queira imitar os costumes de outros povos. A arvore sadia e bôa é a que se entranha na terra.

Sejamos profundos o quanto pudermos; arraiguemos no solo, e percamos essa superficialidade, que é o maior vicio dos nossos dias. A palavra sadia é aquella que traz a polpa da vida, que se mistura com o proprio sangue. Que o pensamento brote, fresco e virgem, da intimidade da natureza, como a planta da terra. Que, como esta, traga a idéa, da intumescencia do sub-solo, que é a nossa consciencia, o calor, o viço, o entusiasmo das coisas que se destinam a ser e a virgar, vigorosamente, trium-

phantemente. E pensemos, sobretudo, com as nossas idéas. Sejamos o producto do nosso meio; dignos emulos em espirito do ambiente forte que nos rodeia.

O Brasil precisa de homens capazes de comprehender a sua grandeza.

Uma infiltração robusta se torna necessaria, de geração em geração, desse sentimento de patria, desse amor á terra, de um regionalismo creado com elevação, sem rivalidades pueris, para que se forme, aos poucos, o typo do cidadão honesto, sobrio, forte, capaz de se hobrear com a natureza que o cerca, egualando-se a ella, copiando-lhe em tudo a resonancia, as cores, essa rusticidade bella que faz do bom sertanejo, o paradigma ideal do brasileiro de amanhã.

Reverenciemos nesse typo a memoria dos antepassados, daquelles cujos corações pulsam dentro dos nossos, com a lembrança da terra em que nasceram, dos campos em que viveram, — ecoando, num misto de veneração e de saudade, o estrepito das cachoeiras, o ladrido do vento, o mauso ulular das verdes mattas bravias...

S. Carlos, Junho, 1917.

Waldomiro Calero.

Escola Normal

(Ligeiros apontamentos sobre a sua fundação e funcionamento).

A Escola Normal Secundaria de São Carlos foi creada pela lei 1245, de 30 de Dezembro de 1910, art. 45.

As primeiras nomeações para ella

foram feitas, em virtude do decreto de 3 de Fevereiro de 1911; para director: Dr. João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior; para lente de portuguez, latim e historia da lingua: Dr. João Augusto Pereira Junior; de francez e inglez: Professor Juvenal Penteado; de arithmetica e algebra: Professor João Lourenço Rodrigues; para official, servindo de secretario: Snr. José de Camargo, e para amanuense: o Snr. Luiz Schreiner.

Pelo decreto n.º 1998, de 4 de Fevereiro de 1911, foram postas em execução varias medidas, concernentes ao funcionamento da Escola.

A lei, porém, que uniformisou o curso das escolas normaes secundarias foi a n.º 1308, de 30 de Dezembro de 1911, mandando observar o disposto no decreto 1252, de 17 de Novembro de 1904. Pela referida lei, foi tambem egualado o pessoal da Escola Normal de São Carlos ao da Capital, e egualados os respectivos vencimentos.

Actualmente está em vigor o Decr. n.º 2367, de 14 de Abril de 1913, que modificou o quadro das materias e dispoz varias medidas, quanto ao regulamento das escolas normaes de curso secundario e escolas annexas.

A escola modelo annexa á normal de São Carlos só começou a funcionar em virtude do acto de 6 de Fevereiro de 1912, que creou uma classe de cada secção e estabeleceu a criação de uma classe por anno, até o numero de 4 em cada secção.

Por decreto da mesma data, 6 de Fevereiro de 1912, foram nomeados: auxiliar do director, o Professor Annibal Caldas; secretario da Escola, Dr. Carlos da Silveira; bibliothecario, Snr. José de Camargo e official da Secretaria, Snr. Albano Braga.

A data commemorativa da fundação da Escola Normal de São Carlos, é a de 22 de Março, por ter sido nesse dia, 22 de Março de 1911, que se realizaram as primeiras aulas do estabelecimento, com um total então de 62 alumnos, sendo 20 da secção masculina e 42 da secção feminina.

Deu essa data o nome ao Gremio Normalista, que todos os annos lhe rende homenagens, em significativa manifestação de civismo e amor ao estudo.

Tendo o Dr. João Chrysostomo sido nomeado Director Geral da Instrução Publica do Estado, a 25 de Novembro de 1911, assumio o exercicio do cargo de director interino da Escola o Professor Juvenal Penteado, em 1.º de Dezembro, mantendo-se nelle até o dia 9 de Agosto de 1916, quando foi substituido pelo Professor Antonio Firmino de Proença, á vista de haver solicitado exoneração o Professor Juvenal Penteado.

A 23 de Maio do corrente anno, vando-se o cargo de director desta Escola, com a nomeação do Dr. João Chrysostomo para Director Geral da Secretaria do Interior, foi para elle nomeado o Professor Mariano de Oliveira, que assumiu o exercicio a 28 do mesmo mez.

A Escola Normal de São Carlos já formou tres turmas de professores; em 1914: 27 moças e 7 moços; 1915: 31 moças e 9 moços; em 1916: 27 moças e 10 moços.

Frequentam actualmente a Escola 222 alumnos, assim distribuidos: 1.º anno, secção feminina—43, secção masculina—25; 2.º anno, secção feminina—47, secção masculina—21; 3.º anno, secção feminina—44, secção masculina—11; 4.º anno, secção feminina—26, secção masculina—5.

CORPO DOCENTE

- 1.^a Cadeira—Portuguez e Latim—Lente Dr. Atugasmin Medici, nomeado na vaga do Dr. João Augusto Pereira Junior.
 - 2.^a Cadeira—Portuguez e Latim—Lente Professor Arthur Raggio Nobrega.
 - 3.^a Cadeira—Francez—Lente Professor Juvenal Penteado.
 - 4.^a Cadeira—Inglez—Lente Dr. Theodorico de Camargo.
 - 5.^a Cadeira—Mathematica—Lente—Dr. Mario Natividade, nomeado por concurso, na vaga do Professor João Lourenço Rodrigues.
 - 6.^a Cadeira—Mathematica—Lente Dr. Francisco Z. Penteado
 - 7.^a Cadeira—Physica e Chimica—Lente Professor Sebastião Paulo de Toledo Pontes.
 - 8.^a Cadeira—Historia natural—Lente Dr. Astor Dias de Andrade.
 - 9.^a Cadeira—Geographia—Lente Professor Ezequiel de Moraes Leme, nomeado por concurso, na vaga do Professor Theodoro Jeronymo R. de Moraes.
 - 10.^a Cadeira—Historia da Civilização—Lente Dr. Dagoberto Salles.
 - 11.^a Cadeira—Psychologia—Lente Dr. Carlos da Silveira.
 - 12.^a Cadeira Psychologia—Lente Professor João Augusto de Toledo.
 - 13.^a Cadeira—Methodologia—Lente Professor Antonio Firmino de Proença.
- 1.^a Aula—Musica—Maestro Lazaro Rodrigues Lozano.
 - 2.^a Aula—Escripturação Mercantil—Snr. João de Campos
 - 3.^a e 4.^a Aulas—Calligraphia e Desenho—Professor Raphael Falco
 - 5.^a e 6.^a Aulas—Gymnastica—Snr. Guilherme Thiele
 - 7.^a Aula—Trabalhos—Snr. Jorge Barbato.
 - 8.^a Aula—Trabalhos—Snra. D. Lucilla Pompêo de Camargo.

PROFESSORES DIPLOMADOS PELA E. NORMAL DE S. CARLOS

PRIMEIRA TURMA—1914

Haydêa Aracy de Arruda (*São Carlos*); Fausta Suzana de Mattos (*São Carlos*); Maria de Sampaio e Souza (*São Carlos*); Eudoxia da Silva Coelho (*Mattão*); Judith Ferraz de Sampaio (*São Carlos*); Anna Teixeira (*Ribeirão Bonito*); Izabel Botelho de Camargo (*São Carlos*); Alice Brandão (*São Carlos*); Philomena Salles Fagnani (*São Carlos*); Alcina Sampaio Ozorio (*São Carlos*); Anna Margarida de Camargo (*Jaboticabal*); Francisca Braga Botelho (*Rio Claro*); Januarina de Arruda Mattos (*São Carlos*); Eliza de Andrade Nogueira (*Santa Rita do Passa Quatro*); Cleophania Galvão da Silva (*Rio*); Anna Gomide de Barros (*Campinas*); Aúrea Camargo (*Rio Claro*); Nanette Helena Hermann (*São Carlos*); Evelina Zambrano (*São Carlos*); Ernestina de Arruda Barros (*Piracicaba*); Rosalina Faria Votta (*São Pedro de Piracicaba*); Elisa de Arruda Barros (*São Carlos*); Angelina Damiano (*São Carlos*); Izaltina de Meira Mattos (*São Paulo*); Carolina Cezar (*Annapolis*); Irene Camargo (*Rio Claro*); Marietta Garcia Vieira (*São Carlos*).

Luiz de Arruda Camargo (*Campinas*); Architelinio dos Santos (*Botucatu*); João Aranha (*Rio Claro*); Mario Corrêa Leite (*Jahú*); Oscar Fernandes (*Sertãozinho*); José Ferraz Sampaio Penteado (*Limeira*); Sebastião Pinto (*Itapevininga*).

SEGUNDA TURMA—1915

Olga Valentie de Oliveira (*São Carlos*); Walinda da Cunha Vieira (*Limeira*); Jacy Marília de Oliveira Penteado (*Ouro Preto*); Zaira Valentie de Oliveira (*Jaboticabal*); Marina de Oli-

veira Novaes (*São Carlos*); Maria Amélia do Amaral Silva (*São Carlos*); Sebastiana C. de Almeida Leite (*São Carlos*); Lydia Silva (*Rio Claro*); Egypcia Sabino (*São Carlos*); Maria de Camargo (*Santa Rita do Passa Quatro*); Maria José Nogueira (*Jahú*); Veronica Dropello (*São Paulo*); Alcídia do Amaral Silva (*São Carlos*); Maria Botelho de Almeida (*Araraquara*); Maria de Carvalho Galvão (*Capital Federal*); Maria das Dores Pinho de Oliveira (*Rio Claro*); Angelina Villari (*Rio Claro*); Maria da Luz Oriçanga (*Rio Claro*); Nicoleta Stella (*São Carlos*); Verginia Faucon (*São Paulo*); Maria Amélia de Camargo Penteado (*São Carlos*); Edméa Siqueira (*São Carlos*); Luiza Marrelli (*Jacarehy*); Sylvia Braga Botelho (*Rio Claro*); Felisbina Fina (*São Carlos*); Alzira Simões da Rocha (*São Carlos*); Edméa Nogueira Porto (*Jacarehy*); Francisca Buzzá (*Italia*); Zuleika Ribeiro dos Santos (*Rio Claro*); Clarismina de Faria Pinto (*Lorena*); Esther de Barros Marcondes (*Pindamonhangaba*).

Persio do Amaral Pacheco (*São Carlos*); Romão de Campos Junior (*São Carlos*); Raul de Arruda Barros (*São Carlos*); Argemiro Pacheco (*São Carlos*); Sebastião de Oliveira Rocha (*Campinas*); Luiz Conforti (*Capivary*); José Garcia Simões da Rocha (*Brotas*); José Innocencio da Silva (*São Carlos*); José Raymundo (*São Carlos*).

TERCEIRA TURMA—1916

Zuleika Valentie de Oliveira (*Jaboticabal*); Maria Braba Botelho (*Rio Claro*); Alexandrina Muniz Barreto (*São Carlos*); Thereza de Camargo (*Santa Rita do Passa Quatro*); Maria de Castilho Andrade (*São Carlos*); Ma-

ria Corrêa Ferraz (*São Carlos*); Sebastiana de Arruda Cruz (*Limeira*); Stel-la Freire de Lima (*Casa Branca*); Eliza Guimarães Pereira (*Rio Claro*); Zalina Garcia Veiga (*Rio Claro*); Maria José de Arruda Mendes (*Piracicaba*); Zilda de Arruda Camargo (*Rio Claro*); Ermelinda de Arruda Pinto (*São Carlos*); Auta de Azevedo Penteadado (*Araras*); Cleonice da Silva Camargo (*Limeira*); Lucilla de Arruda (*Ribeirão Preto*); Adelia de Campos (*São Carlos*); Carmelita de Camargo Leite (*Descalvado*); Izabel de Paula (*São Carlos*); Candida de Mattos Caramuru (*Campes do Jordão*); Dinorah Silveira (*Sorocaba*); Narcisa de Oliveira Dória (*São*

Carlos); Iracema de Toledo Piza (*São Carlos*); Adelaide Rodrigues do Amaral (*Descalvado*); Noemy Pinheiro Lima (*São Paulo*); Sylvia Artusi (*São Carlos*); Aureliana de Oliveira Martins (*Jahú*).

Lazaro Ferraz de Camargo (*Araras*); Olavo de Oliveira (*Itapira*); Octavio de Azevedo Penteadado (*Araras*); Adalgamos Sartini (*Mogy-Mirim*); Alceu Travassos de Menezes (*Bocaina*); Alfredo de Souza (*São Carlos*); Alberto Cattani (*Monte Alto*); Augusto Pinto de Carvalho (*Descalvado*); Joaquim Siqueira de Camargo (*São Carlos*); Octavio de Albuquerque (*Pirassununga*).

